

BC mantém juro, contraria Lula e não descarta nova elevação

BC mantém juros, rebate Lula e não descarta nova alta diante de incertezas

Copom não cede a pressões nem dá sinais de antecipar corte da taxa, que permanece em 13,75%

Nathalia Garcia

mesmas O Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central não cede à pressão do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para redução dos juros e manteve nesta quarta-feira (22) a taxa básica (Selic) em 13,75% ao ano. Sem adotar um tom mais brando, como esperavam alguns analistas, a autoridade monetária não deu sinais de que pretende antecipar corte de taxa — mantendo até a mensagem sobre a possibilidade de voltar a elevá-la caso o processo de desinflação não transcorra como esperado.

Essa é a quinta vez consecutiva — a segunda desde que Lula tomou posse — que os juros são mantidos no atual patamar o maior desde 2016. No comunicado, o colegiado do BC enfatizou a "deterioração adicional" das expectativas de inflação.

"O Comitê reforça que irá perseverar até que se consolide o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas, que mostrou deterioração adicional, especialmente em prazos mais longos. O Comitê enfatiza que os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados e não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso o processo de desinflação não transcorra como esperado", disse o Copom.

O colegiado voltou a dizer que manterá vigilância, afirmando-se a estratégia de manutenção da taxa básica de juros por período prolongado será capaz de assegurar a convergência da inflação".

Ano incertezas fiscais e de riscos gerados por falhas de Lula e do primeiro escalão do governo — inconstâncias com o alto patamar da Selic e seus efeitos sobre o crescimento da economia brasileira —, as expectativas de inflação dos analistas do mercado para prazos mais longos pioraram.

Segundo o boletim Focus, divulgado pelo BC na última segunda-feira (20), a projeção para o IPCA de 2024 aumentou de 4,2% para 4,1% — já distante do centro da meta (3%). Para 2025, a estimativa dos economistas saiu de 3,6% para 3,2% e, para 2026, saltou de 3,7% para 4,2%.

A decisão de manter a Selic em 13,75% veio em linha com a projeção consensual do mercado de que os juros ficarão inalterados novamente. Levantamento feito pela Bloomberg mostrou que essa era a expectativa unânime entre os analistas consultados.

A autoridade monetária fez um leve eco ao governo dizendo que a recente reorientação dos tributos sobre contas públicas curto prazo.

Mas logo na sequência credenciou que, por outro lado, a conjuntura demanda maior atenção, mencionando a volatilidade nos mercados financeiros e a piora nas expectativas de inflação sobre todo para prazos mais longos.

Outro ponto para o qual o BC chamou atenção é a incerteza sobre a nova regra fiscal e seus impactos sobre as expectativas para atrair a dívida pública, fazendo neste trecho outra sinalização sutil ao evitar a palavra "devida" ao se referir à incerteza. Na terça-feira (21), Lula afirmou que o anúncio do plano fiscal ficará para abril, quando voltar de viagem à China.

Já entre os fatores que pesaram os preços para baixo no balanço de riscos, o colegiado mencionou a possibilidade



O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, juro fixam em 13,75% pela quinta vez consecutiva. (Foto: Paulo Roberto / Agência Brasil)



Quando rendem R\$ 1.000 com a Selic a 13,75% ao ano

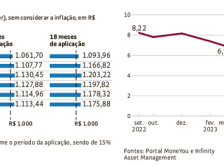
Os valores mostram o resultado líquido após o decréscimo do imposto de renda (de 15% para 17,5%), sem considerar a inflação, em R\$

Table with 4 columns: Juro ao ano (em %), 6 meses de depósito, 12 meses de depósito, 18 meses de depósito. Rows include Poupança, CDB (grupos básicos), CDB (bancos médios), LCA/LCI, Tesouro Selic*, and Fundo de investimento conservador - DI*.

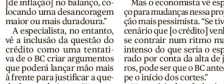
*Investimentos com incidência de IR sobre o rendimento. As alíquotas variam conforme o período de aplicação, sendo de 15% (36 meses), 17,5% (12 e 18 meses) e 20% (6 meses). Fonte: Anbima.

“A porta [para uma queda dos juros] não está completamente fechada, agora está um pouco aberta, mas bem pouco”

Andra Damico, economista-chefe da Amorn Capital



Evolução do juro real no Brasil em % ao ano



Fonte: Portal Monitor e Inflation Asset Management

Principais trechos do comunicado do Copom

JUROS PODEM SUBIR

"O Comitê enfatiza que os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados e não hesitará em retomar o ciclo de ajuste caso o processo de desinflação não transcorra como esperado".

EXPECTATIVAS

O Comitê reforça que irá perseverar até que se consolide o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas, que mostrou deterioração adicional, especialmente em prazos mais longos."

de uma desaceleração da atividade econômica global mais acentuada, em função de condições adversas no sistema financeiro global, uma desaceleração na concessão doméstica de crédito maior do que seria compatível com o atual estágio do ciclo de política monetária.

Desde o encontro anterior, os temores com uma crise de crédito se intensificaram diante de turbulências provocadas no ambiente internacional pela falência do SVB (Silicon Valley Bank), nos EUA, e pela crise do Credit Suisse, na Europa, em um cenário de desaceleração da economia doméstica na esteira do caso Americanas, aliado com uma política de juros altos.

Andra Damico, economista-chefe da Amorn Capital, afirma que o tom adotado pelo BC foi um pouco mais duro do que ela e os analistas do mercado financeiro esperavam, até pela manutenção do ciclo de aperto monetário — trecho que espera que seja retirado na próxima reunião. "O Copom reconhece alguma redução do risco fiscal, mas ele é extremamente enfiado nas expectativas de inflação", afirma. "Ele inclusive cria um novo risco

[de inflação] no balanço, colocando uma desancoragem maior ou mais duradoura".

A especialista, no entanto, vê a inclusão da questão de crédito como uma tentativa de o BC criar argumentos que poderá lançar mão mais frente para justificar a queda futura de juros. "A porta não está completamente fechada, agora está um pouco aberta, mas bem pouco", diz Damico e espera que o BC comece em maio a transição de sua comunicação para que seja possível iniciar a queda de juros a partir de junho.

Já para Marcelo Fonseca, economista-chefe do Opportunity Total, a comunicação do BC foi mais "condulente" do que apenas dizer que não tem espaço para corte em maio. Ele cita a simulação da trajetória de inflação, que assume início de cortes no mês de novembro. O economista ressalta que esse cenário mostra que o IPCA seguiria ainda muito distante do centro da meta de 3% para o ano que vem.

Essa hipótese com início de corte em novembro não é compatível para a convergência de inflação para a meta, ou seja, tem de ser depois disso. Então, não tem espaço para cortar os juros ainda no ano de 2023", afirma.

Mas o economista vê espaço para mudanças nessa projeção mais pessimista. "Se for cenário que for crédito) venha se contrair, não há mais intenção do que seria o esperado por conta da alta de juros, pode ser que o BC antecipe o início dos cortes".

No cenário de referência do Copom, as projeções de inflação para este ano subiram de 5,6% para 5,8%. Para 2024, o colegiado elevou a previsão de 3,4% para 3,6%. No horizonte móvel, vê a projeção de inflação acumulada em 12 meses no terceiro trimestre de 2024 em 3,8%.

Com 2024 na mira, o colegiado do BC volta a se reunir nos dias 3 e 4 de maio para reavaliar o patamar da taxa básica.

O ciclo de alta de juros foi interrompido em setembro de 2022 pelo Copom depois de aplicar o mais agressivo choque desde a adoção do sistema de metas para inflação, em 1999. Foram 12 aumentos consecutivos entre março de 2022 e agosto do ano passado, com elevação de 11,25 pontos percentuais. A taxa básica saiu de seu piso histórico (6%) até atingir o nível atual de juros.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 15